CASA
MOVENTM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casa Movente : projeto residência casa movente / organização Daniel Escobar. -- 1. ed. -- Entre-Ijuís, RS : Daniel Escobar Studio, 2026.

Vários autores.
ISBN 978-65-995935-4-3

1. Arte contemporânea 2. Ensaios 3. Memórias 4. Reflexões 5. Território 6. Textos I. Escobar, Daniel.

26-359136.0 CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea 709

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O

CASA MOVENTE
Processos artísticos em contexto nas Missões

Organização editorial
Daniel Escobar

Oficina Escobar
Entre-Ijuís, RS
2026

www.casamovente.com.br
@oficinaescobar

Escuta em deslocamento

Daniel Escobar

Ao longo de 2025, no limiar dos 400 anos da fundação da primeira redução jesuítica guarani no Rio Grande do Sul — a Redução de São Nicolau —, a região das Missões tornou-se território de encontro entre arte contemporânea e comunidade. Foi nesse contexto que a Residência Casa Movente recebeu quatro artistas visuais e um curador, em períodos de imersão de dez dias, instaurando processos que atravessam o tempo, a memória e o território. Sediada em Entre-Ijuís, a Casa Movente se afirma como um programa que toma o contexto como matéria viva. A história da região, marcada por disputas territoriais, sobreposições de narrativas e pela violência contra os povos originários, emerge como presença que tensiona e orienta as práticas artísticas ali desenvolvidas.

Mais do que um espaço de residência, o projeto propõe um campo de trocas. Artistas, estudantes e professores das redes públicas se encontram em processos de criação compartilhados, nos quais oficinas, conversas e experimentações coletivas tornam-se parte constitutiva das obras. Nesse deslocamento, a prática artística deixa de se organizar a partir de uma lógica estritamente autoral e passa a se constituir como escuta — uma escuta situada, atravessada por camadas de tempo, histórias, raízes e também por suas dissonâncias.

A própria Oficina Escobar, espaço que abriga e impulsiona o projeto, condensa essa transformação. Antiga oficina de consertos, hoje assume contornos de centro cultural e se apresenta como um corpo sensível, voltado à construção de novas percepções sobre o entorno. O que ali se produz ultrapassa a ideia de obra e se expande como prática de atenção — uma forma de receber o espaço, habitá-lo e, ao mesmo tempo, recriá-lo.

Desde 2023, o projeto vem consolidando um modelo de residência que aposta na coparticipação como eixo estruturante. A aproximação com escolas da região amplia o alcance das ações e reafirma o potencial da arte como campo de formação, diálogo e imaginação crítica — um espaço onde aprender e criar tornam-se gestos indissociáveis. Ao colocar a arte contemporânea em diálogo com acervos históricos da região das Missões, o programa tensiona temporalidades distintas e abre espaço para leituras críticas do passado e do presente.

Este livro é um desdobramento dessas vivências. Reúne vestígios, processos e narrativas que não se encerram nas obras, mas permanecem em suspenso, como ecos dessas experiências. Ao percorrer estas páginas, o leitor é convidado a entrar nesse fluxo — um território em movimento, atravessado por sucessivas disputas e marcado pela presença de ruínas históricas que sinalizam tensões ainda ativas e fazem emergir novas continuidades.

Institucionalidades da arte em territórios ex-cêntricos [1]

1.Termo utilizado como referência a territórios fora dos centros geopolíticos da arte.

Maria Amelia Bulhões

Com muita alegria e uma pitada de orgulho, participo do livro que apresenta os trabalhos realizados na residência *Casa Movente*, promovida pela *Oficina Escobar*, centrados no debate de novas relações com o território. Sinto-me afetivamente e intelectualmente comprometida com este projeto,[2] o que, de certa forma, torna minha abordagem não totalmente isenta, mas rigorosamente crítica.[3]

O espaço físico geográfico onde determinados projetos de arte e cultura se constituem e se desenvolvem está em íntima relação com as condições históricas de cada momento. Carlo Ginzburg, renomado historiador italiano e expoente da micro-história, em seu estudo da Renascença italiana (GINZBURG, 1989), analisa o fenômeno das especificidades de um local na constituição de padrões e valores da arte, e na supremacia (econômica, política ou religiosa) de determinados territórios, dando origem a hegemonias artísticas. Néstor García Canclini (2023) dedicou-se, em pesquisa recente, a observar como as relações entre instituições, artistas, trabalhadores da cultura e públicos estão se transformando na era das redes digitais.[4] Com seu grupo de pesquisa, o autor registra a precarização das instituições na área cultural face ao projeto neoliberal de redução da ação do estado e ao crescimento da importância de plataformas e aplicativos digitais.

2 Daniel Escobar foi meu orientando de mestrado e atualmente desenvolve sua tese de doutorado sob minha orientação em torno do trabalho da *Oficina Escobar*, responsável pela criação e o desenvolvimento da residência *Casa Movente*.
3 Segundo as ideias de Pierre Bourdieu sobre crítica radical e rigor científico apresentadas no texto *Por uma sociologia reflexiva*, publicado no livro *O poder simbólico*.
4 Como parte do desenvolvimento de sua participação como titular da Cátedra Olavo Setúbal, no Instituto de Estudos Avançados da USP, em 2020/2021.

Abordam essas condições durante e após a pandemia, perguntando-se sobre a validade de refazer as instituições tradicionais, discutindo o conceito de instituição e apontando a emergência de novos modelos, em estreita conexão com comunidades e articuladas em modelos híbridos (físico/digital). Considerando o sistema da arte como rede de indivíduos e instituições, responsáveis pela produção, distribuição e consumo de objetos e eventos, por eles mesmos considerados artísticos, e também pelo estabelecimento dos critérios para sua validação, em uma sociedade em determinado tempo (BULHÕES, 1990, 2011), abordar institucionalidades na arte contemporânea pressupõe refletir sobre as condições atuais das disputas que nele se desenvolvem.

A partir dessa base reflexiva (território, institucionalidades e sistema da arte), gostaria de comentar a instalação e o desenvolvimento da experiência da *Oficina Escobar*, na cidade de Entre-Ijuís, no interior do Rio Grande do Sul, em um território com uma história transnacional. Originalmente abrigando indígenas nativos, foi colonizado primeiramente sob a coordenação de padres espanhóis jesuítas e ocupado posteriormente por portugueses; abrange atualmente três países: Brasil, Argentina e Paraguai.

Nesta região de intensos fluxos étnicos e culturais, a experiência foi criada a partir do retorno do artista Daniel Escobar ao seu lugar de origem, em 2020. A instalação da *Oficina* foi recebida entusiasticamente pela comunidade local, que encontrou ali uma espécie de museu histórico, até então inexistente na cidade. Assim, pode-se dizer que a *Oficina Escobar* passou a ser uma instituição local, que ao mesmo tempo se articula ao sistema da arte a partir das vinculações do artista[5] que busca ativar seu projeto artístico através de contatos *online*. Em outros tempos, sem os recursos atuais das redes de conexão possibilitados pela internet, que conecta todas as atividades ali desenvolvidas a diferentes circuitos da arte contemporânea, o projeto não poderia funcionar da forma tão potente como está ocorrendo ali e repercutindo nacionalmente. Considero aqui a *Oficina Escobar* e a residência *Casa Movente* como projetos já consolidados, que estão modificando consideravelmente o panorama cultural da cidade e mesmo da região. O atual financiamento através da Política Nacional Aldir Blanc, que, em 2021, deu origem ao seu programa público em meio à pandemia de Covid-19, suscita novamente o debate sobre certa sistematização da descentralização de recursos para a cultura no País (CANCLINI, 2023), permitindo também uma reflexão sobre outras políticas públicas que atuam neste sentido, a exemplo dos Pontos de Cultura.

5 Daniel Escobar tem uma anterior vinculação com o sistema da arte, com formação universitária em artes visuais, participando em residências, feiras de arte contemporânea, exposições em museus e galerias no Brasil e no exterior.

A residência *Casa Movente*, desenvolvida pela *Oficina Escobar*, integra um conjunto de manifestações que emergiram com força nos últimos anos em diferentes regiões do País,[6] dando a ver outras possibilidades de atuar no campo artístico que fogem da centralidade física das grandes metrópoles. Essas propostas geralmente são conduzidas por indivíduos que mantêm contatos com o sistema da arte *mainstream* e que, por diferentes circunstâncias, optaram por se estabelecer às margens, em termos geográficos, desenvolvendo experiências mais colaborativas e participativas com as comunidades em que estão radicados. Mesmo afastados dos grandes centros, eles mantêm vários vínculos com instituições e outros atores do sistema da arte, garantindo assim o referencial da "arte" ao seu trabalho. As condições atuais das comunicações online (principalmente no pós-pandemia) são um elemento potencializador dessas experiências excêntricas, a grande maioria delas rurais ou em locais fora das grandes metrópoles, mantendo redes sociais e sites na internet como forma de garantir visibilidade e reconhecimento no circuito *mainstream* legitimador da arte.

6 Na sua tese de doutorado, Bettina Rupp analisa a emergência deste fenômeno de residências artísticas na contemporaneidade, no Brasil e no mundo.

Destaco que, nestes novos espaços, encontramos produções conectadas com pressupostos da arte contemporânea, acontecendo em locais que não lidaram com as tradições da arte acadêmica ou moderna como referências artísticas. As vivências destas comunidades com as artes visuais em geral se reduzem a documentos impressos ou digitais, ou estão restritas aos poucos habitantes que tiveram oportunidade de uma formação ou frequência a museus. Estabelece-se, assim, uma nova dinâmica em que as primeiras vivências da arte neste momento se fazem já inseridas nos pressupostos mais flexíveis, inclusivos e vivenciais das práticas artísticas contemporâneas. O artista é portador do sistema da arte em seus deslocamentos para outros territórios, uma vez que seus *habitus*[7], práticas e narrativas trazem embutidos os valores e a legitimação que recebeu socialmente. Assim, Daniel Escobar passou a desenvolver um trabalho que tem como pressuposto os valores e critérios da arte contemporânea, introduzindo-os em uma coletividade sem prévias experiências neste campo, desenvolvendo assim, em seus projetos nesta nova instituição, práticas colaborativas, que capturam os moradores da cidade e estabelecem com eles relações que ampliam suas experiências e diversificam seus olhares.

7 Considerando aqui o conceito de Pierre Bourdieu apresentado no livro *A economia das trocas simbólicas.*

Considerando essas dinâmicas e sua localização geográfica fora dos pontos onde se instauram os lugares de poder do sistema da arte (instituições como museus, centros culturais etc.), podemos pensar a *Oficina Escobar* e seu projeto de residência *Casa Movente* no âmbito de uma energia escura da arte, conforme desenvolvido por mim, a partir de Gregory Sholette[8], em reflexões anteriores (BULHÕES, 2011).

As ciências do cosmo trabalham com duas forças que, embora teorizadas, não foram ainda visualizadas: *a matéria escura e a energia escura*. De acordo com esses estudos, elas possuem ações diferenciadas, em que a primeira é responsável pela coesão das galáxias e a segunda pela expansão do universo. A característica básica da *matéria escura*, na cosmologia, é seu fator agregador, funcionando de forma centrípeta e aglutinadora que, mesmo não podendo ser vista, é responsável por manter os planetas e demais astros em convivência harmoniosa. A *energia escura*, em oposição, atua de forma centrífuga, empurrando-os para fora, promovendo descontinuidade e mudanças nos limites do universo. Embora não possam ser vistas, tanto a matéria escura como a *energia* escura foram teorizadas e consideradas de vital importância nas dinâmicas de coesão das galáxias e de expansão do universo. Assim, a meu ver, artistas e grupos que desenvolvem suas práticas artísticas, articulando ações de contra-hegemonia, podem ser considerados como uma *energia escura*, que atua no sistema da arte, como fator de mudança, ensejando alterações no funcionamento estabelecido e promovendo sua expansão.

8 Este autor faz uma analogia aos estudos das ciências do cosmo utilizando o termo *matéria escura* para tratar de uma força composta por elementos invisíveis ao olhar superficial daqueles que somente focam seus estudos no *mainstream*, que são importantes fatores de mudança no funcionamento da arte. O autor foca suas análises preponderantemente em práticas artísticas colaborativas.

A residência *Casa Movente* realiza explorações em termos de novas possibilidades estéticas, metodológicas e conceituais, uma vez que os participantes se sentem desafiados e estimulados a realizar experimentos que talvez não ousassem executar nos espaços estabelecidos do sistema da arte, onde encontram-se mais comprometidos com os resultados e com as repercussões de seus trabalhos. Ela estende a arte em termos territoriais, abrangendo locais até então totalmente fora dos circuitos tradicionais, reforçando a ideia de que os artistas em seus deslocamentos levam consigo o sistema da arte. Além disso, seu foco no território, abordando de forma crítica sua história e seu contexto, acaba por trazer à tona uma colonização transnacional, marcada por sucessivas disputas territoriais, que dizimaram as comunidades indígenas originárias e que vêm explorando, muitas vezes de forma predatória, o meio ambiente, ativando novos debates na comunidade. Sua divulgação nas redes digitais e nos circuitos da arte, realizada tanto por Daniel Escobar quanto pelos artistas e críticos envolvidos no projeto, assim como as exposições das obras realizadas em outros espaços, tais como o MACRS, reforçam, como foi apontado, uma importante atuação na expansão dos limites do sistema contemporâneo da arte.

Depoimentos com proximidade afetiva e farto material visual apresentam de forma detalhada neste livro as atividades da residência *Casa Movente*, permitindo ao leitor acompanhar práticas colaborativas focadas em territórios, que nos dizem o que pode a arte enquanto dispositivo de mobilização e sensibilização na nossa sociedade.

Sítio Arqueológico de São João Batista, Entre-Ijuís, RS.





Daniel Escobar na abertura da mostra Território em Contexto.
Museu Histórico das Missões, Santo Ângelo, RS.



Fachada da Oficina Escobar durante ateliê aberto de Paulo Nazareth.
Entre-Ijuís, RS.


RESIDÊNCIA
CASA
MOVENTE
MAMA
MONUMENTO À MÃE
DO MUNDO - MUSEU
DA MÃE - MEMORIAL
DA MÃE - DO MUNDO MÃE
Paulo
NAZARETH

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das práticas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2007.
BOURDIEU, Pierre. *Por uma sociologia reflexiva. In: _____. O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
BULHÕES, Maria Amelia. *Desafios: arte e internet no Brasil.* Porto Alegre: Zouk, 2022.
BULHÕES, Maria Amelia; FETTER, Bruna; ROSA, Nei Vargas da; RUPP, Bettina. *As novas regras do jogo.* Porto Alegre: Zouk, 2011.
CANCLINI, Néstor García (org.). *Emergências culturais: instituições, criadores e comunidades no Brasil e no México.* São Paulo: IEA/EdUSP, 2023.
GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
RUPP, Bettina. *Residências em Arte Contemporânea: espaço, tempo e interlocução* (Tese). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2017.
SCHOLETTE, Gregory. *Materia oscura: arte activista y la esfera pública de oposición.* Arquivos del Índice, 2015.

Os textos que introduzem cada artista foram escritos por Guilhermo Gil, diretor do filme "Sem Definir Missão", realizado no âmbito da Residência Casa Movente. Desenvolvidos a partir do acompanhamento dos processos de trabalho e de entrevistas com os artistas ao longo de quase um ano, esses escritos nasceram inicialmente como possíveis narrações para o documentário. Ao serem incorporados a esta publicação, passam a operar como registros sensíveis de uma experiência em deslocamento.

O filme pode ser acessado acima

Tuane Eggers

residente de 06 a 15 de julho de 2025

Uma outra passagem de tempo



A primeira a chegar foi Tuane Eggers, trazendo consigo um modo de ver que parecia anterior às palavras. Sua pesquisa se move como um corpo vegetal, expandindo-se por sobre as superfícies, infiltrando-se nas fendas, nas frestas, nos interstícios onde a vida decide persistir.

Os líquens e fungos — formas de vida entre mundos, eles foram seus guias. Crescem onde o tempo desacelera, onde o esquecimento ainda respira. Nas paredes das ruínas históricas, em troncos adormecidos e pedras imóveis, Tuane via não apenas matéria, mas uma escrita mineral: o modo como o território se reinscreve sobre si mesmo.

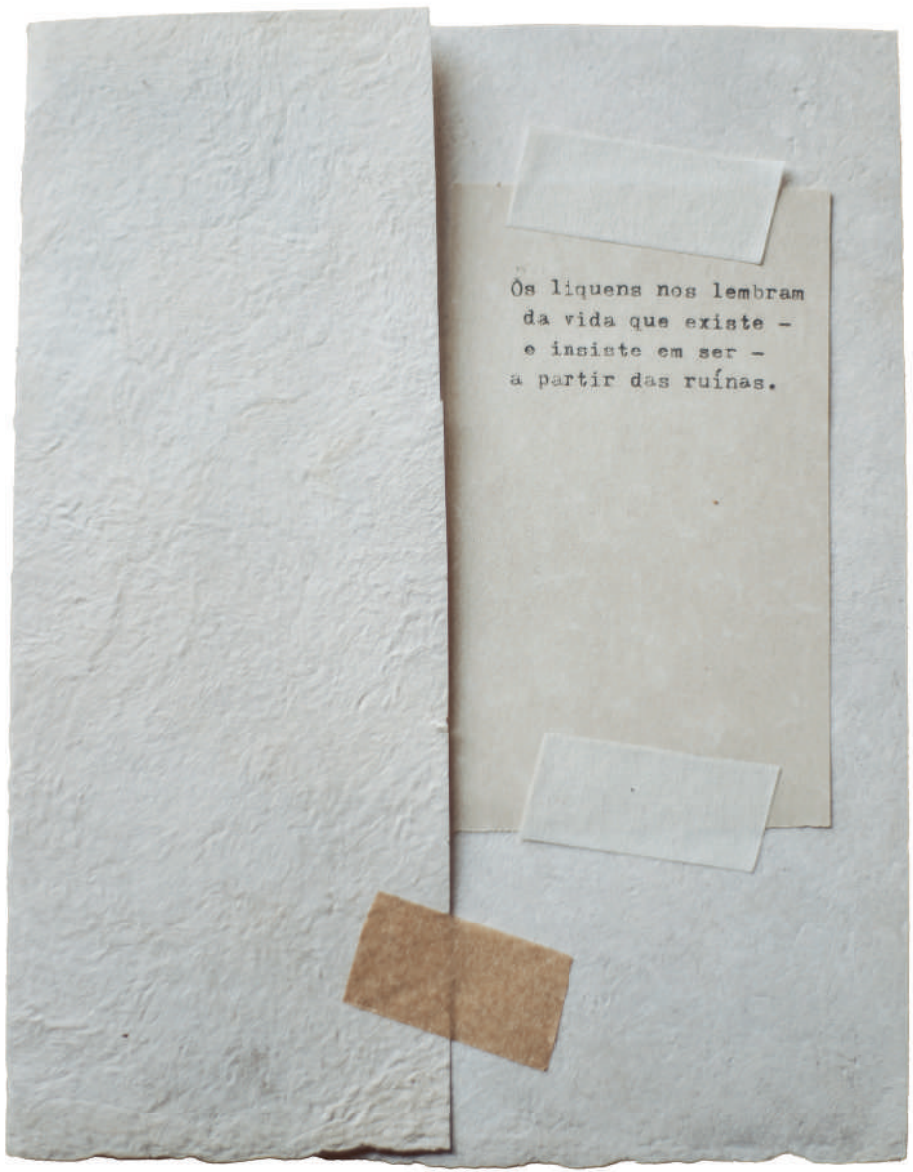
A cada saída de campo, a oficina se tornava um laboratório dessas pequenas coletas. Fotografias instantâneas, lupas, lentes, vidros, fragmentos recolhidos das ruínas de São João Batista compunham um altar de observação. O olhar de Tuane era o de quem escuta o lento diálogo entre pedra e organismo, entre ruína e renascimento.

A presença de Beto Morh, biólogo e companheiro, e da pequena Flora, filha do casal e mini pesquisadora, ampliava esse campo de afetos. A oficina se transformava em um organismo vivo, onde ciência e sensibilidade respiravam juntas.

Anotei uma frase sem saber de onde veio... talvez de Tuane, talvez de Daniel, talvez dos próprios líquens:

"A sobrevivência de uma outra passagem de tempo."

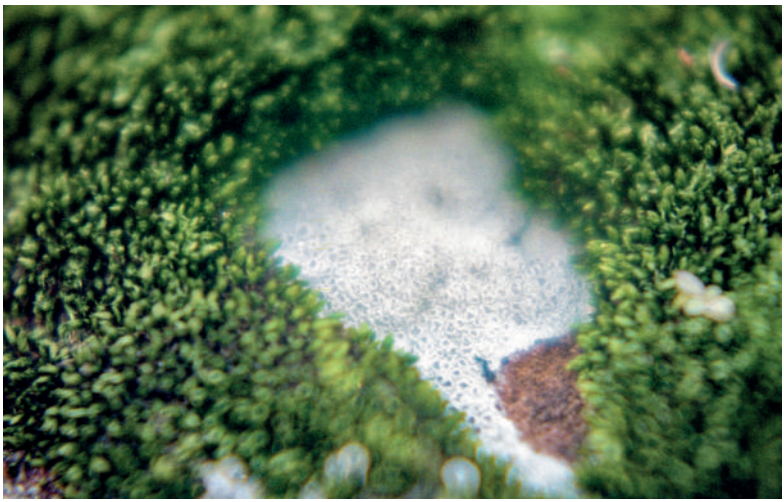
E decidi deixá-la flutuar como uma legenda invisível dessa experiência.


Os liquens nos lembram
da vida que existe -
e insiste em ser -
a partir das ruínas.













A pequena Flora observa os líquens no Sítio Arqueológico de São João Batista, em Entre-Ijuís, RS. A lupa abre passagem para formas de vida que crescem devagar, quase em segredo.





TUANE EGGERS
A vida que resiste — e insiste em ser — a partir das ruínas, 2025.
Instalação. Mesa com objetos variados e fotografias impressas sobre tecido.
Dimensões variáveis. MACRS, Porto Alegre, RS.







Oficina *Contemplar as Ínfimas Grandezas*, realizada por Tuane Eggers e Beto Mohr no Sítio Arqueológico de São João Batista, em Entre-Ijuís, RS. Entre ruínas, líquens e superfícies ampliadas, estudantes experimentam outras escalas de observação da paisagem por meio de lentes macro acopladas aos celulares.

Laryssa Machada

residente de 30 de julho a 8 de agosto de 2025

Entre o andrajo e a armadura



Laryssa Machada chegou de longe. Partiu de Salvador, cruzou Porto Alegre e desembarcou em Entre-Ijuís trazendo na bagagem uma inquietude luminosa, uma urgência de mensagem que parecia fazer vibrar as palavras. Sua presença era cor, gesto político e tensão.

Quando a encontrei, ela já estava imersa em trabalho: sobre uma mesa improvisada, um tecido impossível. Fazia um traje utilizando sacos de fertilizantes, de sementes, de ração animal, de restos do cotidiano rural. Matéria banal que, sob suas mãos, se tornava pele simbólica. O que nascia ali não era roupa, era armadura. Uma vestimenta feita de sobras e resistência, entre o andrajo e o escudo. O corpo como território de luta, a costura como linguagem em sobrevivência.

Laryssa buscava, entre tantos caminhos, elaborar a releitura de uma imagem histórica: o registro de um guerreiro charrúa, produzido por Jean-Baptiste Debret no século XIX, montado de lado em um cavalo e empunhando uma lança diante da imposição colonial europeia. Laryssa decide reinscrever esse gesto, recolocar o corpo no mesmo enquadramento, mas agora com o peso da história atravessando o tecido e o olhar.

A Catedral em ruínas de São Miguel das Missões, visível ao fundo, servia de cenário e metáfora: sobreposições culturais, camadas de memória que encobrem e revelam. Cada dobra de sua roupa denunciava o acúmulo de eras, o modo como uma página histórica encobre a anterior, cabendo à arte resistir à leitura única.

Ao final, sua obra *Poder de Fogo* não propunha apenas reflexão: propunha enfrentamento.

E enquanto o vento movimentava as fibras plásticas da armadura, parecia possível ouvir, entre o estalar dos materiais e o som distante dos pássaros, o rumor de uma história que ainda luta para ser contada.




OS SETE POVOS
das MISSÕES
Mário Simon


Zarcos




ação e contato com os olhos e
mais. Procurar serviço médico
com solo e outros produtos.
céu aberto,
secos
dicada por



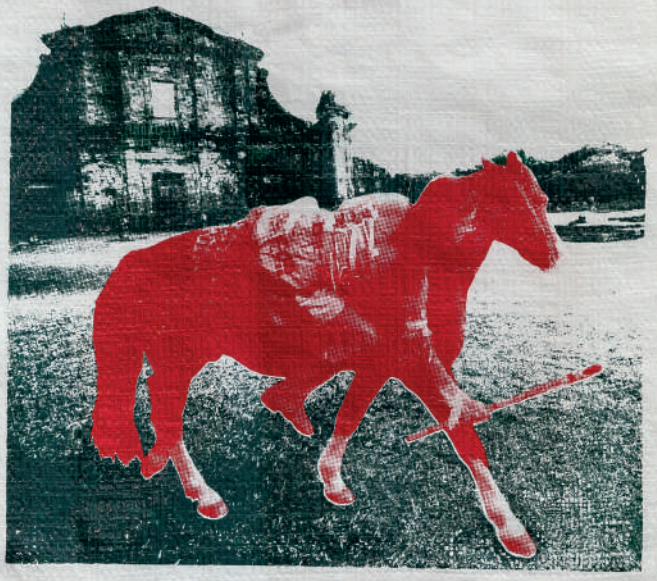




Oficina *Fabular Guerreirxs, Ficcionar a Terra*, realizada por Laryssa Machada com estudantes da Escola Municipal Zeferino Antunes de Almeida, em Entre-Ijuís, RS. Entre materiais residuais, corpo e paisagem, os trajes criados pelos alunos fabulam novas presenças em defesa da terra.



PODER DE FOGO



LARYSSA MACHADA
Poder de Fogo (Manto), 2026.
Instalação. Serigrafia sobre ráfia e costura.
Dimensões variáveis.
Goethe-Institut, Porto Alegre, RS



Claudia Hamerski

residente de 24 de agosto a 3 de setembro de 2025

Sobreviver sem apagar



Claudia Hamerski trouxe consigo o gesto paciente de quem observa o mundo por raízes e cresceres.

Seu processo nasce do encontro entre olhar e matéria, entre o impulso da coleta e o rigor do registro. Logo na chegada, o espaço da Oficina Escobar parecia respirar o traço de sua presença: uma tela de mais de dois metros abria diante dos olhos uma paisagem inteira condensada em veios de luz e sombra. Bioma em formas. Profundidade em sobra. Era o tronco de uma árvore transformado em território.

O grafite se movia como seiva, deslizando por ranhuras que pareciam caminhos de memória. Cada linha era uma veia, um sopro do tempo gravado na madeira. Era extasiante e hipnótico seguir os pequenos caminhos do desenho, se aproximar e perceber mais texturas. Além disso, havia também o desenho invisível, o que nascia atrás da tela, marcado no suporte: Sombra do próprio gesto. Era o resíduo da criação:
a prova de que toda imagem tem um duplo silencioso. O transpassar do grafite na madeira era como uma insistência do que resta.

O umbu, árvore centenária que se partiu ao meio em algum momento da história e ainda assim continua viva, foi seu interlocutor. Dentro dele, o oco se tornava uma pequena caverna; e nesse espaço abrigavam-se plantas, pássaros, pequenos seres. Uma biografia, uma saga compartilhada, feita de coexistências.

No olhar de Claudia, aquele tronco não parecia ser apenas árvore; era uma metáfora do que a história não soube fazer: sobreviver sem apagar.

Seguir com ela e Daniel até o meio da mata, e encontrar o umbu real depois de vê-lo primeiro no papel, foi como reencontrar um personagem de fábula: um ser que existe entre o desenho e o mundo.

Em seu trabalho, o tempo não é linha, é tronco que recomeça em cada fissura.

E o desenho, mais do que representação, é um modo de ouvir a forma.



Claudia Hamerski junto ao umbu centenário do Sítio Arqueológico de São João Batista, em Entre-Ijuís, RS. Presente há gerações na paisagem missioneira, a árvore tornou-se ponto de escuta e origem para a pesquisa desenvolvida durante a residência.















CLAUDIA HAMERSKI
Habitat, 2025–2026.
Desenho em lápis grafite Black sobre papel Montval 300g.
151 × 110 cm.

CLAUDIA HAMERSKI
Do traço ao território, 2025–2026.
Bordado sobre tecido de algodão.
150 × 95 cm.
Goethe-Institut, Porto Alegre, RS.


Quinta
"Salada de endívia bem amarela, uma crespa e outra não; além disso, salada repolhuda, da Bolonha, chicórea, pastinaga, espinafre, rabão miúdo e graúdo, repolho, couve nabeira, nabo bávaro, que trouxe de Munique, salsa, anis, funchão, melões, coriandro, pepinos e outras plantas indianas. Na horta das ervas tenho hortelã, arruda, alecrim, etc".
"No jardim das flores tenho lírios brancos, lírios indianos, girassol, mal-me-quer, violetas amarelas e azuis, esporeira, chagueira e lindas flores indígenas. No vergel tenho macieiras, pereiras, nogueiras (...). Além disso, tenho pêssegos, romãs, limas doces e azedas, limões doces e azedos, marmelos e mais frutas indígenas muito boas".

Oficina *Do Traço ao Território*, realizada por Claudia Hamerski no Sítio Arqueológico de São João Batista, em Entre-Ijuís, RS. O percurso dos estudantes pela trilha ecológica transforma o desenho em prática de observação e contato com as formas, texturas e marcas presentes na paisagem.



Paulo Nazareth

residente de 15 a 25 de setembro de 2025

Cartografias da Mãe


MISSÃO

O último a chegar foi Paulo Nazareth, trazendo consigo uma obra que não cabe em molduras. Seu gesto é o trânsito. A escrita são histórias, territórios e vozes. Há muitos anos, Paulo constrói uma linguagem que mistura o íntimo e o político, o ancestral e o urgente. Suas ações são mais que arte: são conversas em movimento, percursos político-afetivos onde cada palavra dita se transforma em matéria.

Paulo parece falar com o mundo como quem planta uma semente em meio à guerra. Como quem acredita que o tempo germina. Na Oficina Escobar, dois trabalhos reverberaram com força. O primeiro, MAMA_Monumento à Mãe do Mundo, é uma cartografia de afetos: um mosaico formado por desenhos de mães feitos de memória por pessoas de diferentes lugares do mundo. Cada traço, uma origem; cada papel, uma tentativa de voltar à terra.

A mãe, aqui, não é apenas pessoa, é metáfora de origem... uma orientação de voo. É chão. É planeta. Nas palavras do artista, o que se cultiva é o reconhecimento da Mãe-Terra como o primeiro abrigo, o primeiro corpo. Através dessas imagens, Paulo refaz o gesto primordial: lembrar para pertencer. Caminhar para saber. Parar para entender.

O segundo trabalho, CEEJA_Centro de Estudos e Experimentos com Jardins Autônomos, expande essa ideia em direção à terra viva. A troca de sementes, o mapeamento de jardins e a criação de uma cartografia movente tornam-se também um ato político. Cada semente contém uma geografia inteira: um mapa de futuro embrulhado em matéria orgânica.

Entre as conversas com Daniel e os habitantes da região, Paulo falava do patrimônio como quem desenterra um conceito. O verdadeiro patrimônio, dizia, não é o sítio histórico, nem a ruína jesuítica: é o solo. É o que veio antes, o que ainda pulsa sob as camadas de pedra e discurso.

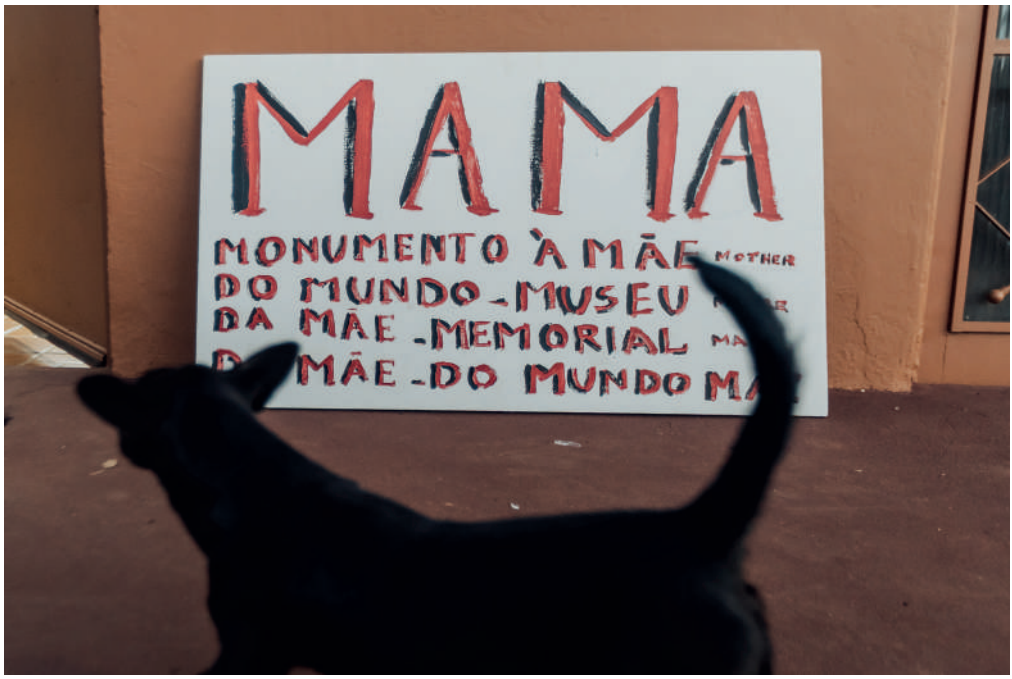
Sua presença em Entre-Ijuís não foi apenas residência, mas ritual.

Paulo plantou perguntas.

E quando partiu, deixou algo que volta.

O retorno à terra é um ato político, é espelho e protesto. É paragem e é continuidade.


WORK IN
PROGRESS


MAMA
MONUMENTO À MÃE
DO MUNDO - MUSEU
DA MÃE - MEMORIAL
MÃE - DO MUNDO

Inauguração do *MAMA_Monumento à Mãe do Mundo* na Oficina Escobar, em Entre-Ijuís, RS. Durante o encontro, Paulo Nazareth preparou biscoitos de polvilho a partir de uma receita de sua mãe, compartilhando com o público uma memória que também se manifesta por aromas, afetos e sabores.





MAMA

MAMA - MONUMENTO À MÃE DO MUNDO
MONUMENT TO THE WORLD'S MOTHER

MONUMENT TO THE MOTHER OF THE WORLD

MONUMENTO AA MEMORIA DE MINHA MAN'E / MONUMMENT TO MY MOTHER'S MEMORY

museu da maN'e / museu da mãe / museu da mãe
MOTHER OF THE WORLD MUSEUM — MUSEUM of MOTHER

de todos / museu da maN'e de todys / memorial à
MUSEUM OF THE MOTHER — MEMORIAL of the WORLD'S MOTHER

mãe de todos / monumento à mãe de todys /
MOTHER OF EVERYBODY MUSEUM

monumento à mãe do mundo / monumento mãe do
WORLD'S MOTHER MONUMMENT

mundo / MAMA - MONUMENTO MÃE DO MUNDO

sobre as folhas disponíveis fazsa retratos-desenhos da propria maN'e, por memória ou observazsaN'o.__ mencione o nome y repita o nome da maN'e. -- anote abaixo do retrado o nome da maN'e y da prole que a desenhou. escreva o nome de quem a descreveu para o mundo.

on the available sheets, draw portraits of your own mother, from memory or observation.__ mention the name and repeat the mother's name. -- write down below the portrait the name of the mother and offspring who drew it. write the name of the person who described it to the world.

NOME DA MÃE
MOTHER'S NAME : _____ ----------

local y data de nascimento da maN'e :___-
mother's date and place of birth
_____----------

AUTORY: _____

local y data de nascimento dy autory: ___-----------
author's date and place of birth
_____----------

local y data do retrato-desenho: _____-----------
date and place of portrait-drawing
_____ ----------

quadro de anotazsaN'o para descrever a propria maN'e em palavras escritas em prosa ou verso. ---------- escreva um texto descrevendo um retrato da maN'e . ----------
note board to describe one's own mother in words written in prose or verse. ---------- write a text describing a portrait of your mother. ----------

mama - P.NAZARETH EDIÇÕES / LTDA - palmital A - st7 - [Caldeirão] - Santa Luzia - MG _BR - nov - 2023


CEEJA
CENTRO DE ESTUDOS
& EXPERIMENTOS
COM JARDINS
AUTONOMOS


CEEJA



Durante sua passagem pela Casa Movente, Paulo Nazareth percorreu o território missioneiro descalço. O gesto, recorrente em sua trajetória, transforma o caminhar em experiência de contato, escuta e aproximação com a terra.





Oficina *Um Jardim, Uma Palavra*, *Um Presente*, realizada por Paulo Nazareth na Escola Estadual Dr. Carlos Kruel, em Entre-Ijuís, RS. Como desdobramento do projeto CEEJA, estudantes plantaram flores no quintal da escola, cultivando palavras, gestos e pequenos modos de imaginar futuros em comum.

PAULO NAZARETH
CEEJA_Centro de Estudos e Experimentos com Jardins Autônomos, 2025.
Detalhe da instalação




C E E J A
CENTRO DE ESTUDOS & EXPERIMENTOS
COM JARDINS AUTONOMOS
O JARDIM JAH ESTAH LAH , TEMOS QUE ENCONTRA-LO _ DESENHAR O JARDIM _ DESENHAR AS FLORES _ ENCONTRAR AS FLORES NO MUNDO.. _ PRODUZIR TINTAS COM PETALAS Y FLORES CAIDAS NO CHAN'O. DESENHAR_ GRAVAR _ IMPRIMIR_ DEIXAR O KUARAH GRAVAR SOBRE O PAPEL Y A PELE._ DISTRIBUIR AS SEMENTES NO CAMINHO.------

Marcio Harum

residente de 18 a 29 de outubro de 2025

Rocha em fronteira movente

Ĭvĭtĭ para guarí
guarí, guarí añapengo;
pe che yujhúne curi,
i táro ajháta aico.

(Na colina colorida
ajeitarei minha vida
e me encontrarei
transformado na rocha
daquele lugar.)

Poema guarani ÑANDE ĬPĬ CUÉRA (Nossos Antepassados)
de Rosicrán Assunção, 1929

Estive em residência na Casa Movente em outubro de 2025. Foi a minha segunda vez na região das Missões. A primeira aconteceu no fim do mês de dezembro de 2004, quando reportagens dos noticiários de TV transmitiam à São Miguel das Missões imagens da devastação e da mortandade causadas pelo tsunami no Oceano Índico. Ainda posso me lembrar do calor fortíssimo que fazia em Santo Ângelo naqueles dias de verão há mais de duas décadas.

Em 1983 o sítio arqueológico de São Miguel foi declarado Patrimônio Mundial, Cultural e Natural pela UNESCO. Sob um arco de tempo dos últimos mais de vinte anos, as transformações têm sido bastante intensificadas nos Sete Povos das Missões. O sistema de visitação dos sítios históricos nacionais do IPHAN foi implementado; Santo Ângelo possui um aeroporto; ao longo do ano de 2026 comemoram-se os 400 Anos das Missões e o município de Entre-Ijuís sedia hoje a Oficina Escobar, que realiza o programa de residência artística Casa Movente em questão.

A partir de uma visita guiada por Daniel Escobar (artista e idealizador da residência artística) ao sítio arqueológico da redução Jesuítica-Guarani São João Batista em Entre-Ijuís (fundada pelo padre Antônio Sepp, austríaco, em 1697), comecei a vivenciar uma singular sensação entre perceber a atemporalidade das eras e a passagem do tempo nas paragens e ruínas missioneiras.

Por dias, enquanto traçava pontos de interesse para a pesquisa de campo, conversávamos, Daniel, interlocutores locais e eu, acerca de apontamentos, sinalizações e conexões territoriais entre o povo Guarani e as coroas espanhola e portuguesa do período histórico colonial. A região das Missões, no atual estado do Rio Grande do Sul, pertencia às terras de Espanha até o Tratado de Madrid de 1750. As relações administrativas e comerciais mantidas pelas missões jesuíticas espanholas inicialmente eram estabelecidas com Buenos Aires ao sul, então capital do Virreinato do Rio da Prata; e com Assunção ao leste, centro regional do poder colonizador da época. Zona de tensão e conflito, o território vivia sob constante ameaça das campanhas paulistas com bandeirantes portugueses.

Pela agressividade da lei, indígenas e jesuítas foram obrigados a abandonar a área, e assim, logo após o tratado, eclodiu a Guerra Guaranítica (1753–1756), na qual a Espanha decretou que os Guaranis cruzassem a fronteira para o lado espanhol assentado a oeste do Rio Uruguai. Como indígenas não obedeceram aquelas regras específicas de colonização, acabaram por resistir contra as tropas de ambas as coroas ibéricas. A derrocada da civilização Jesuítica-Guarani foi forjada pela extinção das Missões, o massacre dos Guaranis e a expulsão da Companhia de Jesus da América espanhola.

Diante dos fatos imemoriais ligados ao local de acontecimento da residência artística, as indagações que permanecem na atualidade são: por onde começar uma investigação e o que e como produzir em tão vasto território de processos e escolhas? Que seta seguir para pavimentar um caminho de internacionalização de Casa Movente em um contexto cultural legitimamente transnacional? Tal construção é indicada como possibilidade para uma nova edição do programa, com a proposição de ligar territórios próximos e afins, mas que ainda permanecem separados geograficamente pela linha divisória das nacionalidades. Não é a borda que é vislumbrada aqui, e sim o miolo, um núcleo voltado para o rompimento de fronteiras.

Face a uma realidade atravessada pela compreensão em perspectiva decolonial de nossos dias, podemos enfim assumir a ancestralidade indígena e o futuro em comum do povo brasileiro, sem mais tantas reverências às origens e aos fluxos imigratórios de outrora.

O lugar de fundação da residência artística Casa Movente da Oficina Escobar é Entre-Ijuís, onde está situado o sítio arqueológico da redução Jesuítica-Guarani de São João Batista. Foi exatamente lá no início dos anos 1700 que houve a fundição pioneira de ferro da América, dando corpo metálico a sinos, instrumentos musicais e ferramentas agrícolas nas oficinas guaranis que abasteciam as outras missões e até cidades.

Uma das figuras da história e do território das Missões mais marcantes é Sepé Tiaraju, guerreiro e herói guarani missioneiro, um dos ícones da formação da identidade do povo rio-grandense. Mártir da Guerra Guaranítica, morreu pronunciando as seguintes palavras: ''Esta terra tem dono''. Para quem vem voando de longe para a residência Casa Movente da Oficina Escobar, fique sabendo que Santo Ângelo é a porta de entrada das Missões, e que o nome de seu aeroporto é Sepé Tiaraju.

Rio Ijuí Grande e ponte que conecta os municípios de Entre-Ijuís e Santo Ângelo, RS. De origem guarani, o termo “Ijuí” significa “Rio das Águas Claras” ou “Rio das Águas Divinas”.







Catedral Angelopolitana, em Santo Ângelo, RS. Erguida como releitura da antiga Igreja de São Miguel Arcanjo, sua presença reinscreve, na paisagem urbana, a memória missioneira.



Monumento a Sepé Tiaraju, em Santo Ângelo, RS. Entre pedra, céu e memória, a frase “Esta terra tem dono” segue atravessando o tempo — como voz de resistência ainda inscrita na paisagem das Missões.

Território em contexto

Daniel Escobar

As exposições decorrentes da Residência Casa Movente operam como desdobramentos dos processos vividos no território, deslocando-os para outros contextos e modos de recepção. Após o período de residência, o programa concebeu e produziu a exposição itinerante *Território em Contexto*, que apresentou os processos e vivências desenvolvidos pelos artistas sob a forma de instalações. Com curadoria de Daniel Escobar, a mostra reuniu obras em diferentes linguagens — como desenho, fotografia e instalação — dos participantes da Residência Casa Movente.

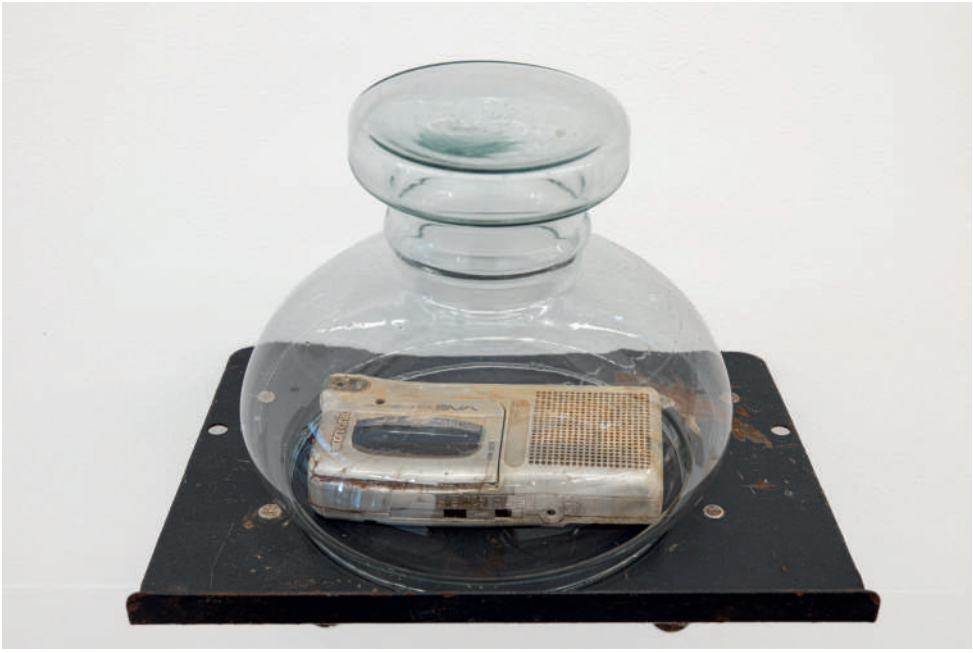
Em 2025, a exposição foi apresentada no Museu Histórico das Missões, inserindo a produção contemporânea em diálogo direto com o patrimônio histórico da região. Nesse contexto, as obras tensionaram temporalidades e ativaram novas leituras sobre o território e suas camadas de memória.

No ano seguinte, em 2026 — marcado por uma ampla programação alusiva aos 400 anos das Missões —, a mostra ganhou desdobramento na capital gaúcha, ao ser apresentada no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto Estadual de Artes Visuais. Nesse novo contexto, a exposição estabeleceu conexões com o sistema de arte contemporânea, ampliando o alcance das experiências desenvolvidas durante a residência e colocando-as em circulação em outro circuito de recepção.



LARYSSA MACHADA
Poder de Fogo, 2025.
Instalação. Fotografias e objetos variados.
Dimensões variáveis. MACRS, Porto Alegre, RS.

Poder de Fogo, 2025.
Detalhe da Instalação.





CLAUDIA HAMERSKI
Umbu_árvore-que-dá-de-beber, 2025.
Instalação. Desenho em lápis crayon, grafite e carvão sobre tela de algodão e placa de compensado naval.
250 × 160 cm cada.
MACRS, Porto Alegre, RS



CLAUDIA HAMERSKI
O livro da natureza, 2025–2026.
Livro de artista. Desenho, colagem e adição de coletas sobre livro.
Dimensões variáveis.
MACRS, Porto Alegre, RS.



PAULO NAZARETH
CEEJA_Centro de Estudos e Experimentos com Jardins Autônomos, 2026.
Instalação. Placa pintada à mão, fotografias, desenho, toldo, plantas, sementes, ferramentas e objetos variados. Dimensões variáveis. MACRS, Porto Alegre, RS.

CEEJA_Centro de Estudos e Experimentos com Jardins Autônomos, 2026.
Detalhe da Instalação.





PAULO NAZARETH
MAMA_Monumento à Mãe do Mundo, 2026.
Instalação interativa. Placa pintada à mão, escrivaninha, papel, lápis grafite, carimbo e desenhos.
Dimensões variáveis.
MACRS, Porto Alegre, RS.



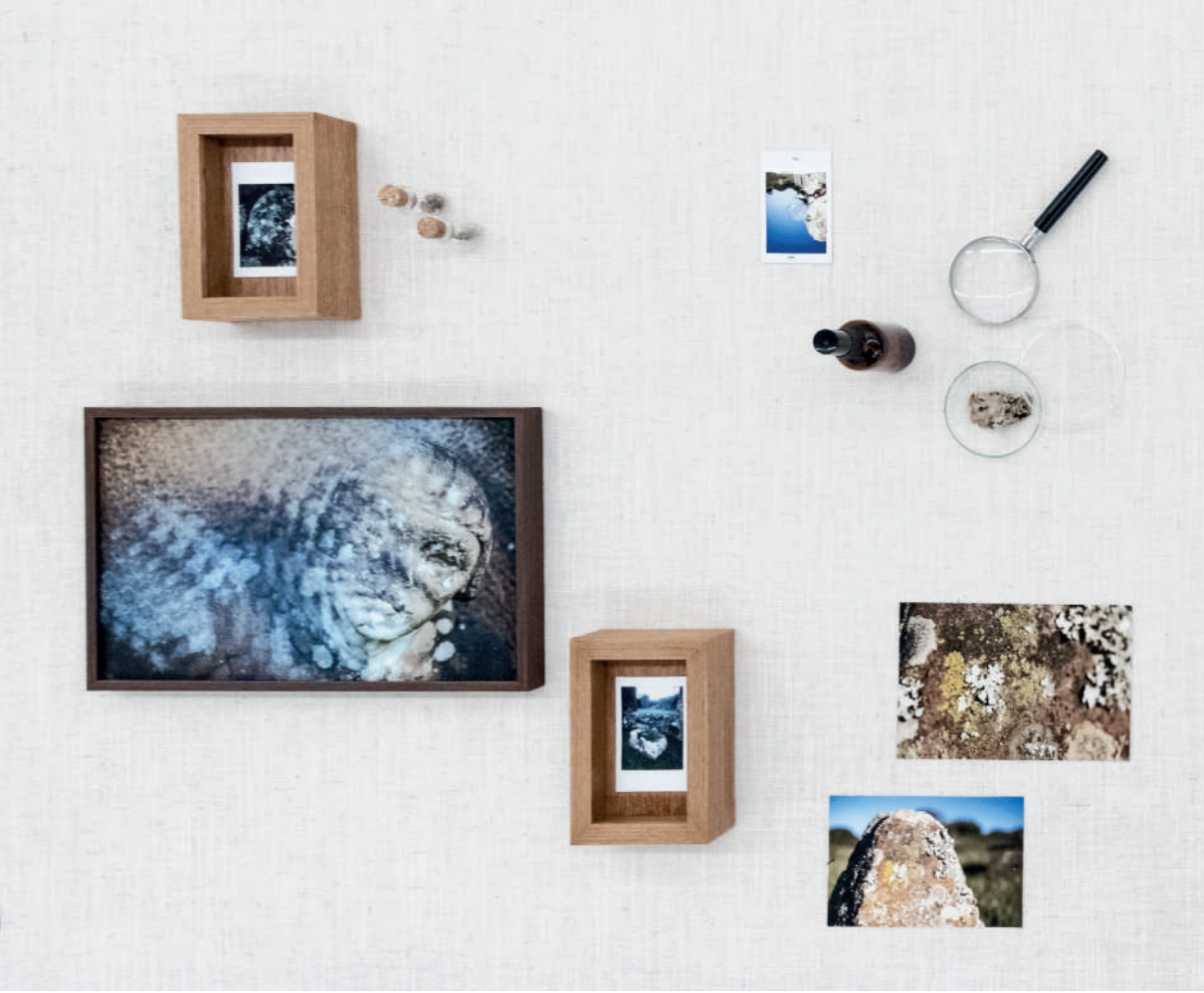


MAMA_Monumento à Mãe do Mundo, 2026.
Detalhe da Instalação.

Território em Contexto, 2025.
Vistas da exposição no Museu Histórico das Missões, em Santo Ângelo, RS.

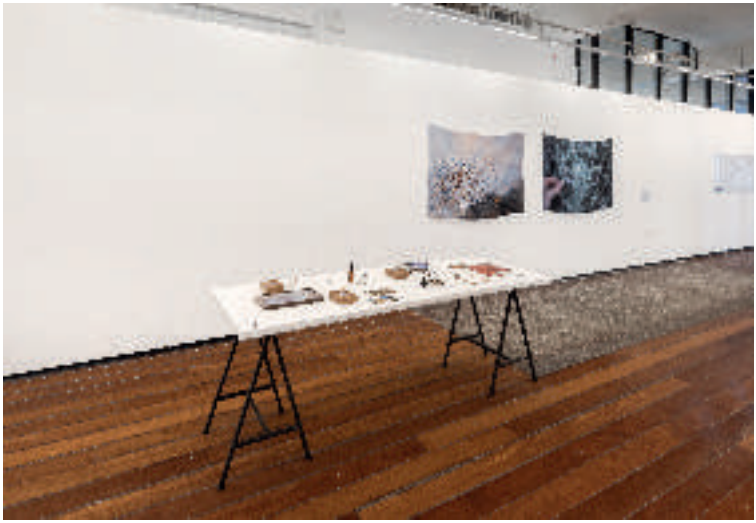






TUANE EGGERS
A vida que resiste — e insiste em ser — a partir das ruínas, 2025.
Instalação. Mesa com objetos variados e fotografias impressas sobre tecido.
Dimensões variáveis.
MACRS, Porto Alegre, RS.


LICHENS
LICHENS



Território em Contexto, 2025.
Vista da exposição no Museu Histórico das Missões, em Santo Ângelo, RS.



Território em Contexto, 2025.
Vista da exposição no MACRS em Porto Alegre, RS.



Territórios ainda

Guilhermo Gil

No fim, percebo que a Casa Movente não terminou quando os artistas partiram. Ela continua onde algo ainda vibra. O espaço permaneceu ali, mas o que realmente se deslocou foi a escuta.
As histórias que recolhemos não cabem em prateleiras; são poeiras suspensas no ar, fragmentos que permanecem acesos mesmo depois que a luz se apaga.

Entre-Ijuís, então, deixa de ser geografia e se torna um intervalo: uma dobra do tempo onde o que já passou continua a acontecer. As ruínas respiram devagar. As árvores recontam suas fendas. As mãos que tocaram o solo deixam um traço que não se vê, mas se reconhece. É como se cada artista tivesse operado uma pequena variação no real, uma mudança quase imperceptível, mas capaz de alterar o rumo das coisas.

A Casa Movente é feita dessas variações: os líquens que sussurram outras passagens de tempo, os tecidos que lembram guerras antigas, o tronco que insiste em continuar vivo, as sementes que carregam mapas inteiros. É um território sem fronteiras definidas, um lugar que só existe quando alguém o atravessa. Uma espécie de constelação provisória que se acende no encontro entre matéria e imaginação.

Porque, no fim, escutar também é uma forma de ficar depois de partir.

E toda vez que alguém retorna à Oficina Escobar, mesmo que apenas em pensamento, o lugar se reorganiza, como se abrisse espaço para mais uma camada de mundo.

A Casa Movente segue, portanto, em seu movimento mais profundo: o de permanecer.

Livro Casa Movente

Organização Editorial
Daniel Escobar

Textos
Daniel Escobar
Maria Amelia Bulhões
Guilhermo Gil
Marcio Harum

Revisão
Marden Müller

Fotografia
Thiago Mann e Raisa Bosniac
Exceto:
Anderson Astor — pp. 35, 51, 63, 92–99, 102, 103 e 105
Tuane Eggers — pp. 31–34
Laryssa Machada — pp. 48 e 49
Guilhermo Gil — p. 67

Projeto Gráfico
Patrícia Heuser

Imagem de capa
Fotografia que integra a instalação *A vida que resiste e insiste em ser a partir das ruínas*, de Tuane Eggers, 2025.

Edição
Oficina Escobar

Impressão
Gráfica e Editora Ideograf

Residência Casa Movente

Curadoria Geral
Daniel Escobar

Produção Executiva
Aderlize Martins

Artistas Residentes
Claudia Hamerski
Laryssa Machada
Paulo Nazareth
Tuane Eggers

Curador Residente
Marcio Harum

Júri de Seleção
Lola Fabres
Marcio Harum
Daniel Escobar

Curadoria Pedagógica
Anelise Valls

Pesquisa Local
Lucas Vieira

Identidade Visual
Patrícia Heuser

Fotografia
Thiago Mann e Raisa Bosniac

Produção Audiovisual
Guilhermo Gil

Assessoria de Imprensa
Fernanda Dora

Contabilidade
Luciane Biasi Buzata

Escolas Parceiras
Escola Técnica Estadual Entre-Ijuís
Escola Estadual De Ensino Fundamental Dr. Carlos Kruel
Escola Municipal De Ensino Fundamental Zeferino Antunes De Almeida

Instituições Parceiras
Museu Histórico Das Missões (Mhm)
Instituto Estadual De Artes Visuais (Ieavi)

Exposição "Território Em Contexto"
Museu Histórico Das Missões (Santo Ângelo, RS) 28/11/25 A 18/01/26
Macrs_galeria Sotero Cosme Ccmq (Porto Alegre, RS) 05/02/26 A 05/04/26

Agradecemos às pessoas, escolas, coletivos e espaços que compartilharam caminhos, saberes e formas de cuidado ao longo da Residência Casa Movente: Adriana Boff, Adriane Jetzke, Anita Martins Escobar, Bárbara Bellé, Bedati Finokiet, Beto Mohr, Bibiana Jetzke Baptista, Cinemateca Paulo Amorim, Cris Bergoli, Darius Pippi, Débora Fabris, Débora Scherer de Escobar, Douglas Barbosa, Filipi Pompeu, Flora Eggers Mohr, Gabriel Finokiet Menezes, Goethe-Institut Porto Alegre, Guido Hentz, Hotelaria LB, Ico Kusler, Ilida Baccarin Matje, Inácio Sost, Luciano Baptista, Luiz Carlos de Escobar, Marina Câmara, Nei Sost, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), Paulo Ricardo de Moraes Menezes, Projeto Trilhas Artísticas (UFRGS), Queila Scherer de Escobar, Rádio ASSOCEI FM 98.7, Rafael Cristiano Graff, Rosane Scherer de Escobar, Rute Assis, Sônia Lemos, Tawana Zampol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Yasmim Prestes e Zaira Maria Soares Vargas.

O projeto residência casa movente foi selecionado no edital sedac nº 27/2024 pnab rs – artes visuais.
Entre-ijuís, RS – Brasil – 2026

ISBN: 978-65-995935-4-3

